

## DE ALCOVITEIRA A PROFISSIONAL DE FOFOCA<sup>1</sup>

Sonia Gonçalves Batista

PG/UEMS

soniabatista0806@gmail.com

**Resumo:** Este artigo traz uma discussão sobre a mudança de valor da fofoca, do ato de fofocar. O que antes era visto como conversa de comadres, hoje, passou a ser negócio. Há os que querem fofocar e há os que desejam ser fofocados, desejos estes que são explicados quando observamos a profissão de cada um dos envolvidos. Fofocas são geralmente artistas, políticos e socialites e os fofoqueiros são em geral programas e sites de fofocas, ambos lucram muito dinheiro com as fofocas diárias que por sua vez encontram fofoqueiros de plantão, que hoje, chamamos de leitores, telespectadores e internautas, sempre prontos, ansiosos para a mais nova “notícia” sobre seu fofocado preferido.

**Palavras Chaves:** fofoca, fuxico, ato de fofocar.

### Introdução

Houve um tempo em que falar da vida alheia era coisa de quem não tinha o que fazer. A função de fofoqueira era de uma figura específica: uma senhora de meia idade ou idosa que enquanto ou após os afazeres domésticos cuidava fervorosamente da vida de quem era, na visão ideológica dela, mulher sem marido, viúva assanhada, homem preguiçoso, criança mal educada, e outras coisas que faziam com que a língua da fofoqueira coçasse.

---

<sup>1</sup> Este texto é da disciplina de Análise do Discurso ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, Mestrado em Letras, UEMS – Campo Grande-MS.

Podemos didaticamente classificar a fofoca em três categorias:

a) A fofoca com conteúdos mentirosos; b) A fofoca com verdades, mas com intenções prejudiciais; c) A fofoca com fins comerciais.

A fofoca com conteúdos mentirosos tem a função de difamar o indivíduo, e o fim sempre é dispersar os demais das qualidades que o fofocado tem, pois uma vez observadas trará ao fofocado consequências positivas e isso é tudo que o difamador não quer. Essas consequências podem estar relacionadas com emprego, promoção no trabalho, mas também podem estar relacionadas apenas com a possibilidade de uma boa interação social com amigos ou novos amigos.

Esse tipo de fofoca é também chamada de *bullying*, ação que tem sido combatida duramente em muitas escolas, através de campanhas e projetos pedagógicos, entretanto ainda há uma longa jornada para que haja um resultado satisfatório, haja vista, que essa prática é milenar, só que agora com nomenclaturas contemporâneas. Segundo o site infoescola, o *bullying* é um ato caracterizado pela violência física e/ou psicológica contínua ou não.

A fofoca com verdades, mas com intenções prejudiciais geralmente são sofridas por pessoas hábeis em seus afazeres ou de grande sorte no trabalho, finanças e nos relacionamentos. Tem a intenção de mostrar que o fofocado também tem defeitos, que é passível de erros, mostrando assim que o fofocador se sente incomodado em assistir o

sucesso do seu próximo. A bem da verdade, não existe fofoca que não seja para fins prejudiciais, todavia há aqueles que fofocam até de quem não conhece.

Quando o fato fofocado é uma verdade, geralmente sai da boca de um confidente, pois, na maioria das vezes, é originário de um segredo. Como diz o ditado, segredo só é segredo quando é só seu, entretanto há uma grande parcela de pessoas, senão todas que se arriscam confidenciando com alguém. E quando o fato é espalhado tem um grande público, ora, pois se trata de quem tem fama de certinho (a) ou muito conhecido no círculo de relacionamento.

Não podemos esquecer que homens também fofocam. A fama fica quase sempre para mulheres, no entanto no meio corporativo é evidente em homens esse comportamento. Isso pode ser associado ao fato dos homens serem mais razão do que emoção. Qual o sentido de parar para fazer uma fofoca se não for para benefício próprio e financeiro? Por que não? Ora, se o que estiver em jogo for uma promoção, homens e mulheres na arena empresarial se igualam e vão à luta.

Quando o assunto é mulheres, os homens pegam pesado. Fofocam com mentiras e verdades sobre o que fizeram e não fizeram entre quatro paredes com uma mulher que seus amigos conhecem ou não. Simplesmente para satisfazer o ego. Se essa mulher for do círculo de amigos dele, está fadada a difamação do dito cujo.

Finalmente a fofoca é feita para fins comerciais. Nessa é que gostaríamos de colocar nossa atenção, porque está diretamente ligada ao capitalismo, busca lucro, há uma organização, uma estrutura em volta do cotidiano alheio, afinal a fofoca é o produto vendido.

Imagine a vítima do fofoqueiro dentro de uma casa cheia de câmeras, sendo instruída a exibir seu corpo de tal forma que todas as curvas ou não curvas sejam alvo de elogios e críticas. Usando como inspiração a teoria de Foucault sobre o panóptico, os reality shows são moda e é dentre outras possibilidades, um exemplo de campo minado para o fofoqueiro.

O Panóptico (...) tem seu princípio não tanto numa pessoa como numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos, produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos (...) Pouco importa, conseqüentemente, quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina: na falta do diretor, sua família, os que o cercam, seus amigos, suas visitas, até seus criados (...) Quanto mais numerosos esses observadores anônimos e passageiros, tanto mais aumentam para o prisioneiro o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado. (FOUCAULT, 1998-p.167)

A partir da ideia de observação do preso em um sistema carcerário feito no modelo panóptico, tem se então não só o reality show, mas toda a mídia sobre aquele que de alguma maneira entrou para o mundo das celebridades, ou até de forma mais negativa, está na mídia porque cometeu um crime ou fez algo totalmente fora do que a ideologia dominante espera.

Dessa forma podemos considerar que a mídia entra no papel da alcoviteira, fato este que nos faz observar que a evolução diacrônica é inegável e impossível de não observar o quanto é dinâmica a modificação da fala. Saussure, em sua teoria dicotômica destaca que há a dicotomia língua e fala onde a fala é individual e corresponde a maneira de falar de cada indivíduo, sendo ela social. E é nesse social que entra nossa discussão.

Saussure coloca que na dicotomia língua/fala há um sistema de valores onde a fala é envolvida e que isso se dá na combinação de sons e ideias trazidas em cada signo composto por um significado e um significante.

Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 1995, p. 139-140).

São os valores presentes na fala, onde o significado é dito de diversas maneiras e de diferentes formas que pretendemos aqui analisar. Queremos observar o valor histórico trazido pelo significado de alcoviteira e como esse processo chegou aos dias atuais como algo que antes era uma atitude negativa para uma atitude positiva, a tal ponto de fazer com que alguém crie um site somente para cuidar da vida dos outros, promovendo essas pessoas e de forma recíproca construir um processo rentável.

Bakhtin, opositor de Saussure, filósofo da linguagem, embora tenha sido contrário a dicotomia língua e fala, a qual Saussure brilhantemente defende, também contribui em seus conceitos quando diz que um discurso nunca é o mesmo, mesmo se o interlocutor e o texto sejam o mesmo.

*Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. (BAKHTIN, 1998)*

E dessa forma chega-se a ideia de que fofoca é uma palavra em evolução e/ou modificação de significado. Historicamente há uma mudança, pois a cada situação cria-se uma nova necessidade e como a língua é viva, há alteração de seu sentido.

Podemos ainda observar a necessidade de adequação do sentido da palavra ao discurso pretendido. Se em uma situação tem-se a ação fofocar realizada entre vizinhas e esta mesma ação realizada por um site de fofocas, há então uma discrepância de significação. Uma fofoca entre vizinhas é uma ação realizada por quem não tem muita coisa da própria vida para se ocupar. Esta mesma ação em um site de fofocas, passa a ser uma ocupação, algo que se é incumbido de fazer em troca de um salário.

Consideremos aqui que a palavra fofoca tem sua materialidade em sua discursividade, ou seja, é nas várias significações que ela se materializa, é na fala, no cotidiano. M. Pêcheux (1969 apud Orlandi; 2012, p.129):

A forma material é a forma (não empírica nem abstrata) constituída pela/na discursividade, forma em que se inscrevem os efeitos da articulação língua/história, acontecimento do significante no sujeito. Sendo o discurso como efeito de sentidos entre locutores, a materialidade da forma discursiva implica o funcionamento ideológico da palavra.

O sujeito será considerado como um ser simbólico que se constitui na linguagem e pela linguagem, ou seja, será considerado que a língua acontece no homem. Eni Orlandi (2012, p.99), nos esclarece sobre como, na Análise de Discurso (AD) ocorrem as re-configurações de três regiões de conhecimento: o marxismo (que afirma a não- transparência da história), a psicanálise (que mostra a não- transparência do sujeito) e a linguística (que se constitui na não-transparência da língua).

Essas regiões do conhecimento se fundem, se organizam e trazem subsídio para compreendermos o sentido do discurso na história. Não pretendemos discutir a palavra fofoca por si só, mas em vários contextos, vestida de discursos diferentes, inserida em textos diferentes e que, portanto, adquire significações distintas. As distinções sempre acompanhadas de seres simbólicos distintos por estar exposto a discursos distintos.

## Revisão da Literatura

Este artigo foi idealizado a partir de experiências próprias vividas no cotidiano familiar, no trabalho, escola e entre amigos. Essas experiências trouxeram a reflexão sobre o tema observando-o com maiores detalhes. Dessa forma, fez-se necessária uma busca por trabalhos realizados sobre este mesmo tema. Assim, vislumbramos a vasta literatura disponível sobre esse tema tão aguçado que dificilmente encontraremos um indivíduo que nunca esteve em uma situação provocada por fofoca e que com certeza em uma situação no mínimo constrangedora.

O tema fora tratado por José Ângelo Galarsa, em seu livro *Tratado Geral Sobre a Fofoca (1978)*, coloca que não é fofocado somente aquele que fala de si mesmo, pois, quando houver uma fofoca não irá se importar muito e que todos nós em um dado momento sempre estamos envolvidos em uma fofoca, seja como fofoqueiro ou fofocado.

Galarsa ainda parte do princípio de que quem fofoca, a bem da verdade, está querendo criticar o outro sobre atitudes que gostaria de realizar, mas que por estar preso em ideologias não o faz e fala mal de quem acaba saindo da ideologia dominante, libertando-se, assim, de convenções. O fofoqueiro, então, acaba por ser um frustrado, que encontrou no outro justamente o que gostaria de realizar.

Meg Cabot, também escreveu sobre o tema em três livros até então publicados, que tem como narrador-personagem a Lizzie Nochols, cujo comportamento é de uma fofoqueira,

por isso é chamada de Rainha da Fofoca. No entanto, a trilogia trata das aventuras no cotidiano da própria vida da personagem. O que mais chamou a atenção para este artigo foi a obra: A coluna social como gênero de fofoca.

*A coluna social como gênero de fofoca* (2011) pela editora CRV, de Paula Francinetti da Silva, é um livro fruto de uma tese de doutorado sobre as colunas sociais editadas pelo jornal O Globo entre os anos de 1987 e 1989. A análise foi feita a partir de uma amostra composta pelos jornais publicados de janeiro de 1987 a outubro de 1988, totalizando 1654 notas. O resultado da análise, segundo a autora, levou ao primeiro capítulo: "A coluna social como gênero de fofoca", em que foi enfatizado o conceito de fofoca e sua relação com o texto da coluna social. No segundo capítulo, "A coluna social como repertório de memória" e no terceiro capítulo, "O riso na Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988)", a partir das notas da coluna sobre o transcorrer do trabalho legislativo.

Verdade sob suspeita, um ensaio sobre a fofoca (2007) por Roberto Curi Hallal, é mais um exemplo de literatura sobre o tema. Ele escreve que:

“O fofoqueiro vive tirando o pino da granada e jogando gasolina no fogo. Vive culpando os outros e com isso, mostra ser alguém que não chegou ao estágio do respeito, capaz de ser responsável pelas próprias ações”(Hallal,2007, p. 35).

A Dra. Dorit Wallach Vereá é psicóloga, coordenadora da Clínica Prisma, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP e especialista em Dependência Química pelo Instituto Sedes Sapientiae. É também especialista em Psicologia Psicossomática pela Universidade Paulista/SP e fez aperfeiçoamento em “Formação do Pensamento Sistêmico” pelo Instituto de Família e em “Teoria das Técnicas de Psicanálise” pela Clínica Roberto Azevedo - SP.

Participou do Intercâmbio Científico sobre “Tratamento Ambulatorial Intensivo para Dependência Química” na Clínica Matrix, Los Angeles/USA. Ela escreveu o artigo *Fofoca no trabalho, Fique alerta!*

Nesse artigo Dorit organiza sua fala em subtítulos: Identifique o fofoqueiro e mantenha distância; Se o alvo for você; Dicas para driblar o fofoqueiro. Ela orienta que para identificar o fofoqueiro basta observar aquele que “fala pelos cotovelos”, quando o alvo for você: *Uma forma de evitar esse tipo de comentário é manter uma postura profissional no ambiente de trabalho.*

O interessante é a lista para driblar o fofoqueiro, que nos traduz uma conduta exemplar e que se todos seguissem a lista com certeza não existiria mais o significante estudado neste artigo:

1. Nunca fale mal das pessoas, principalmente das que trabalham com você. Se houver algum problema entre vocês, seja objetivo e chame para uma conversa esclarecedora.
2. Tenha consideração sincera pelos outros, seja capaz de dar e receber opiniões construtivas. Fale a verdade e esteja pronto para ouvir também, sem com isso criar um clima de hostilidade.
3. Mantenha a neutralidade quando alguém estiver falando mal do outro, evite fazer comentários que possam ser utilizados de forma desleal e desrespeitosa. Se você concordar e falar mal também, a outra pessoa vai saber e sentirá que deverá fazer o mesmo em relação a você.

4. Quando ouvir um comentário negativo acerca de uma pessoa, reflita se essa conversa agrega alguma coisa, se prejudica alguém ou a empresa, e como você se sentiria se isso fosse dito sobre você.
5. Depois disso, questione seu interlocutor: A. O que você vai dizer agrega valor positivo para nós e a empresa? B. Posso falar com a própria pessoa e com as outras que você está dizendo isso dela?
6. Crie o hábito de falar bem dos outros, procure focar nos aspectos positivos que cada um possui, sem com isso se transformar em um “bajulador”.

Como pudemos observar foca é um tema bastante pesquisado e discutido, talvez porque incomoda e/ou causa curiosidade saber da vida alheia, o que nos dias atuais passou a ser um trabalho, faz com que a reflexão sobre o tema passe a ser mais positiva se olharmos por um ângulo onde todos ganham. Ainda assim há de se considerar que uma análise sobre o público-alvo torna-se importante, sabendo que o feedback do público é o que faz manter ou renovar a ideologia carregada sobre o significado da ação fúxica.

## RESULTADO DA DISCUSSÃO

O ato de fofocar pode ser usado, muitas vezes, como desarticulador de poder. No rap de Projota e Karol Conka, por exemplo, sob o título da música “Não falem” podemos perceber, no eu - lírico, a insatisfação em ser alvo de fofocas, fato este que nos remete ao próprio cantor em optar, talvez, por um ritmo musical, embora famoso, ainda alvo de muitas críticas. No livro de autoajuda *As 48 leis do poder*, o leitor é orientado a considerar que praticamente tudo depende da reputação: Guarde-a como a vida, usando essa afirmação como subtítulo diz:

A reputação é a pedra angular do poder. Usando reputação apenas, você consegue intimidar e vencer. Porém basta um deslize para que você se torne vulnerável e possa ser atacado por todos os lados. Mantenha sua reputação inexpugnável. Fique continuamente alerta contra ataques potenciais e elimine as ameaças antes que se tornem realidade. Ao mesmo tempo, aprenda a destruir os seus inimigos abrindo brechas nas reputações deles. Depois fique de lado e deixem que sejam queimados pela opinião pública. (GREENE, lei nº 5)

A orientação nesse livro, que tem como público-alvo pessoas de negócio e administração, percebe-se o quanto a fofoca é usada como articulação nos meios em que há disputa de poder. Leva-nos a vislumbrar o quão maquiavélico pode ser um ambiente de trabalho, onde os fins justificam os meios.

Uma vítima da fofoca, não tão vítima assim, Monica Samille Lewinsky, estagiária da casa branca, sede do poder executivo do governo norte-americano, em 1998, após trocar confidências com a secretária Linda Tripp, que secretamente começou a gravar as suas conversas telefônicas com Clinton, foi envolvida em escândalo sexual, cuja acusação era de ter mantido um caso com o então presidente. Tripp, a secretária, teria dado as gravações a Kenneth Starr, o acusador, o que causou grande transtorno e baixa da taxa de popularidade de

Bill Clinton.

De toda essa escandalosa fofoca, a fofocada, Mônica Lewinsky, soube tirar vantagem dos holofotes. Passou a ser encarregada de sua própria loja, onde vende sua própria grife de bolsas. Foi anfitriã numa série de televisão tipo “Reality Show” chamada Mr. Personality.

O site “O Fuxico” especializado em fofoca, como o nome já diz, tem inúmeras informações sobre diversas personalidades. Há sempre espaço para tratar da vida profissional e pessoal de cada um deles, em sua maioria atores e atrizes. É pago um preço alto pela exposição da vida, pois o site fala desde a próxima novela que o artista participa, quanto da briga conjugal que o mesmo tivera. Pode-se considerar este site um gigante quando o assunto é fofoca. É interessante perceber o quanto entreter virou quase sinônimo de fofoca.

Nos dias de hoje, a fofoca é muito usada nos meios políticos das mais variadas formas, levantando e derrubando figuras políticas, através das picuinhas de parlamento, por exemplo. No twitter, facebook, sites de fofoca, paparazzi, televisão, revistas, jornais, em qualquer meio de comunicação, sempre há uma fofoca. Os paparazzis, em especial, são os que mais se dedicam a realizar essa prática. Podemos dizer que se trata de um fofoqueiro com câmera sempre ligada e de plantão para o menor deslize que possa encontrar.

Na revista on-line “Exame.com” a repórter Camila Lam, em 25/10/2013 traz uma reportagem sobre como lidar com a fofoca no trabalho.

[...] A melhor maneira de lidar com isso é ouvir mais e falar menos. A professora de etiqueta empresarial da Fundação Getúlio Vargas, Romaly de Carvalho, explica que em situações em que somos “obrigados” a escutar a fofoca, em almoços ou cafês, por exemplo, a tendência é o julgamento daquela situação mesmo ouvindo apenas uma versão do acontecimento. “O que, além de ser errado, pode ampliar a margem da fofoca”, afirma ela.

“Se você não escuta a fofoca, você se blinda daquele assunto”, completa Janaína Ferreira, coordenadora acadêmica da Pós-Graduação do Ibmecc do Rio de Janeiro. Ela afirma que muitas vezes as pessoas participam desse tipo de conversa para se sentirem pertencentes ao grupo, mas, a longo prazo, a imagem profissional pode ficar comprometida. [...]

Agora, observar o fofocador como algo negativo é esperado, entretanto queremos aqui expor o fofocado, que noutros tempos era o injustiçado, muitas vezes, derrotado pela fofoca. Mas tudo mudou. O fofocado quer ser visto, fotografado, filmado, ser literalmente fofocado. Isso traz fama, poder, dinheiro. Ser visto é ser lembrado. Para os midiáticos, deixar de ser fofocado positiva ou negativamente é algo ruim, significa estar fora da mídia. Este é o ponto que difere a fofoca de antes com a de hoje, embora ainda possa ser usada como fator preponderante para derrubar figuras políticas, por exemplo. Os midiáticos aqui referidos são atores, atrizes, cantores, humoristas, apresentadores, modelos e alguns que vivem na mídia e às vezes nem ao menos é possível saber qual o talento do indivíduo.

### **Considerações Finais**

Fofocar nada mais é do que o ato de falar da vida alheia, difamar o próximo. E nos dias atuais esse ato se funde com o ato de querer se mostrar, se promover. Como para o artista ser visto é ser lembrado, surge a necessidade da existência de meios para que a fofoca se expanda rapidamente. Assim o twitter, o facebook, os sites de fofoca, paparazzi, televisão, revistas, jornais são usados diariamente para a divulgação da vida dos midiáticos.

O interessante é que aquela velha figura da alcoviteira, senhora de meia idade, ocupada com seus afazeres domésticos, antenada na vida alheia, ainda existe. A função de alcoviteira

ficou para aqueles que compram os jornais e revistas, colecionadores de fofocas do seu ídolo, o telespectador, ou internauta, nas rodas de tereré, chimarrão e de amigos. E ainda, como pior constatação é que um difamador sempre é um melhor amigo e confidente ou ainda a sogra.

Um melhor amigo e confidente sabe tudo sobre a vida do fofocado, tem a faca e o queijo na mão, pode levantar ou derrubar o amigo em todas as relações que se possa imaginar, mais comumente nos relacionamentos afetivos, desde o namoro e o profissional até na carreira dentro de uma empresa, por exemplo. Namoro e trabalho são as instituições mais atacadas, pois são mais propensas a minar emoções das mais diversas no ser humano e merecem atenção redobrada dos envolvidos.

Língua de sogra, por exemplo, é um assobio distribuído em festas infantis, no entanto, esse nome vem carregado pela ideologia de que sogra fala muito e mal de genros ou noras, embora o conflito predominante seja o clássico: nora x sogra. A nora sempre tem muitos defeitos quanto aos afazeres da casa, isso quando a alcoviteira não passa o dia contando as calorias que a nora comera, ou a roupa do marido que não cuidará bem, o prato preferido que só a mamãe soubera fazer não pode ser elogiado quando feito pela nora. E claro, sempre, a nora melhor é aquela com quem o filho não se casará: “aquela sim é que era mulher para você”.

O intrigante é saber que o ser humano tem essa prática há anos e que com o capitalismo esse discurso se transforma, e em muitos momentos é sinônimo de entretenimento de toda uma nação, muitas vezes sobre um fato único, como no caso da Mônica Lewinsky.

É interessante parar para tratar de um tema como esse. A fofoca é muito presente no dia a dia dos indivíduos que é impossível que alguém nunca tenha se envolvido em uma fofoca. A fofoca para as celebridades tem um fator bem positivo, tendo em vista o fator

custo-benefício. Já para um cidadão comum a coisa muda de figura, a fofoca sempre incomoda, traz contendas das mais variadas e ressentimentos que podem perdurar anos a fio. Mas pensar em tudo isso faz com que venhamos a entender um pouco mais do ser humano, suas práticas e valores. E saber que tudo isso é refletido nas falas, onde individualidade e coletividade trabalham as alterações de forma natural e que acaba mudando, transformando o sentido da palavra ao longo da história.

Observamos que a televisão e a internet foram fator preponderante em toda essa discussão devido ao seu poder de atingir uma grande massa. A massa como já bem diz o nome dá para moldar. Na medida em que a massa é atingida pela informação, em nosso caso a fofoca, instantaneamente forma-se opiniões diversas sobre o discurso tratado, divulgado, fofocado.

Na atualidade há programas de televisão somente de fofoca, onde o apresentador (a) destila veneno em cada fofoca comentada, elogia e fala sobre a rotina da vítima desde quando acorda e vai se deitar. Os midiáticos têm assessores de imprensa só para tratar de assuntos pertinentes às fofocas.

Há sites de fofoca que trabalham dia e noite em busca de notícias das celebridades; já no caso do facebook, que não é um site, mas um instrumento virtual de comunicação, os amigos podem se comunicar por mensagem. Trata-se de um livro da face, digamos assim, é uma página na internet onde são postadas fotos, vídeos, ideias, pensamentos que são compartilhados com os amigos ali aceitos e convidados. Esta ferramenta possibilita uma maneira de se divulgar e divulgar o próximo, que por sua vez pode gostar ou não do compartilhamento. Sem desconsiderar a utilidade do recurso tecnológico, mas apenas pondo em pauta o poder que existe nos meios de comunicação. Afinal quem não tem uma conta no *facebook* hoje? São raros os não.

O *twitter* é também parecido com o *facebook*, mas com o diferencial de que não são inseridos amigos e sim seguidores, onde o indivíduo que cadastrar uma conta poderá seguir e ser seguido. A fofoca rola solta onde o fofocado pode se defender e atacar com outras fofocas. O mais interessante é que nessa ferramenta celebridades e fãs se comunicam.

O que se percebe com toda essa evolução do sentido de fofoca é que cada vez mais fica difícil alguém não estar inserido em algum cochicho e que como sair desse contexto não é possível, então, vê-se que os indivíduos devem aprender ferramentas comportamentais para sair de ileso quando mesmo evitando se deparar com um alcoviteiro de plantão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**FOUCAULT**, Michel. A História da Loucura na Idade Clássica. 1997. São Paulo, Perspectiva.

**SAUSSURE**, F. Curso de Linguística Geral. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995

**GALARSA**, José Ângelo. Tratado Geral Sobre a Fofoca. 1978. Summus Editorial

**GREENE**, Robert. As 48 leis do poder. 2000. Editora: Rocco

**HALLAL**, Roberto Curi. Um ensaio sobre a fofoca. 2007. Editora: 7 letras  
<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/voce-sabe-lidar-com-fofocas-no-trabalho-acessoem26/10/2013> às 01h07min.

<http://www.ofuxico.com.br/> acesso em 25/10/2013 às 23h

**BAKHTIN**, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Tradução de Paulo Bezerra, edição eletrônica.

[https://www.atmosferafeminina.com.br/Vida/Vida\\_profissional/Fora\\_stress/Fofoca\\_no\\_trabalho\\_Fique\\_ale\\_rta](https://www.atmosferafeminina.com.br/Vida/Vida_profissional/Fora_stress/Fofoca_no_trabalho_Fique_ale_rta) acesso em 30/10/2013.

<http://www.infoescola.com/sociologia/bullying-na-escola/> em 30/10/2013.